

CAPÍTULO 22

Teatro experimental do negro e a *Négritude*: estudo da construção de um discurso político emancipatório¹

Eliane de Souza Almeida

Dennis de Oliveira

Já afirmava o sociólogo Clóvis Moura, em seu livro *Quilombos, resistência ao escravismo* (1989) que onde havia escravidão, havia quilombo – exemplo dos processos reativos dos africanos sequestrados de terras africanas trazidos para serem escravizados no novo continente. A comprovação da existência de comunidades remanescentes de quilombos até hoje é a prova viva de que os negros, desde que chegaram em terras a eles estrangeiras, criaram diversas estratégias de luta e busca por humanidade e liberdade.

As Américas foram, por um lado, terras invadidas por europeus e que tiveram seus povos originários dizimados em nome de uma superioridade criada nas mentes e na ciência daqueles que viram na escravidão dos povos negros africanos a forma mais eficaz de expandir territórios, aumentar sua riqueza.

¹ Texto apresentado como parte do relatório de qualificação realizada em março de 2023. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001'.

Durante os quase 400 anos de escravidão nas Américas, o processo a que se denomina Diáspora une negros escravizados e seus descendentes num processo reativo às consequências que a escravização deixou como legado. O racismo que, a princípio, era justificado a partir de pesquisas científicas que “provavam” a inferioridade genética da raça negra, até o abandono de tais teorias e a transformação do racismo como uma prática sociológica, passa a fazer parte da estrutura que mantém as nações colonizadoras como modelo de produção intelectual, simbólica, política e mantenedora de riquezas.

Se a serviço da branquitude cunhou-se o termo “negro” como categoria que classificava o outro como inferior, como afirma Hegel, a arte se torna o fio condutor para a criação de um discurso que transforme a cultura negra na potência que ela é e, para além do fortalecimento da luta antirracista, crie a possibilidade para que o negro experimente a humanidade e a liberdade negadas.

Em fins do século XIX e início do século XX, W.E.B. Du Bois, norte-americano negro, filho de pai branco, se torna a grande referência do pensamento Pan-africanista e escreve *Soul of black folks* (1903), em que descreve o que é ser negro nos Estados Unidos, e cria o conceito de dupla consciência. Essa dupla consciência se dá por conta da miscigenação e desse não lugar do negro.

O jamaicano Marcus Garvey surge também nessa mesma época com uma proposta mais radical de Pan-africanismo. Entende ser necessária a criação de uma elite negra e que a volta ao continente-mãe seria a possibilidade concreta de construção de uma nova sociedade.

No período entreguerras, na colônia francesa de Martinica, no Caribe, Aimé Césaire termina seus estudos secundários e, com bolsa de estudos, vai para a universidade na França. Na universidade conhece aqueles que serão seus parceiros em diversas ações na luta contra o racismo. Junto com outros estudantes oriundos de países africanos e caribenhos, nasce o termo *nêgritude*, que se propõe ser o conceito de transformação de uma enunciação negativa da categoria negro para se tornar um termo que resgatava efetivamente a humanidade, sentimento de pertença e força advindos de seu passado africano.

O Brasil, nesse tempo, vivia um momento de retomada da vida artística nacional e o teatro era a expressão cultural de maior visibilidade. No Rio de Janeiro, estreava o Teatro Experimental do Negro. O palco era o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, espaço elitista e que aos negros só era permitida entrada se fosse para trabalhar em sua limpeza.

O dia 8 de maio de 1945, data em que acaba a Segunda Guerra, é também o dia em que sobe ao palco pela primeira vez o elenco do Teatro Experimental do Negro (TEN), em meio ao som das festas nas ruas e da revolta de alguns que queriam

utilizar o teatro para festejar o fim da guerra e, assim, cancelar a apresentação dos novíssimos atores e atrizes.

Sob a liderança de Abdias Nascimento, que não abriu mão da apresentação, o elenco subiu ao palco, afinal tinha a autorização direta do Presidente da República, Getúlio Vargas. A peça apresentada foi *Imperador Jones*, do estadunidense Eugene O'Neill, e foi um sucesso de crítica.

O TEN nasceu em meio à efervescência de um pensamento modernista que invadia o teatro. Paschoal Carlos Magno, que além de diretor e crítico teatral era diplomata, acreditava na educação por e para o teatro e por isso cria o Teatro do Estudante. Carlos Magno é apoiador do TEN e acolhe o grupo oferecendo espaço físico para a realização dos ensaios e aulas, que passaram a acontecer nas dependências da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Além do apoio de Paschoal Carlos Magno, Abdias Nascimento recebia o apoio das classes intelectual e artística, que acreditavam ser importante a existência de uma companhia teatral formada por pessoas negras. Foi por meio desse contato com intelectuais que o Teatro Experimental do Negro conheceu o pensamento Pan-africanista de W. E. Du Bois, do movimento *Black Renaissance*, de Langston Hughes, e do movimento da Négritude, que tem o poeta surrealista Aimé Césaire como um dos grandes criadores.

O Teatro Experimental do Negro se manteve vivo, mesmo com longos períodos de ausência nos palcos, de 1944 a 1968, quando Abdias do Nascimento, depois de uma temporada nos Estados Unidos, se vê impossibilitado de voltar ao Brasil. Com a instauração do AI-5, Abdias temia ser morto ou preso, então se manteve em autoexílio nos Estados Unidos até a abertura para o retorno de brasileiros no fim da década de 1970.

A empreitada do TEN lançou sementes em terreno fértil. Sua história ficou adormecida até meados de 1988, quando da promulgação da nova constituição. Abria-se, assim, a possibilidade de se retomar um sem número de ações ligadas ao combate do racismo e pela equidade, além do direito a ter direitos. Abdias do Nascimento, ao retornar de seu exílio, reavivou a memória histórica de luta do TEN e sua provocação trouxe árvores frondosas, de frutos doces, apesar da invisibilidade em relação às suas ações. Há poucas menções a essa experiência de teatro negro nas obras que se debruçam sobre a história do teatro brasileiro.

É importante que se entenda o termo “négritude” aqui utilizado. De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga (1988), existem diversas definições da palavra mas que giram em torno de dois grandes eixos: a mítica e a ideológica.

A primeira chama a si, em função da descoberta do passado africano anterior à colonização, a perenidade de estruturas de pensamento e uma explicação do mundo, almejando um retorno às origens para revitalizar a realidade africana, perturbada pela intervenção ocidental. A segunda propõe esquemas de ação, um modo de ser negro, impondo uma *negritude* agressiva ao branco, resposta a situações históricas, psicológicas e outras, comuns a todos os negros colonizados. As duas concepções são coerentes. No entanto, a mítica seria interpretada como uma marginalização do grupo negro, podendo levá-lo, a médio ou longo prazo, ao desaparecimento. A ideológica conduziria a uma fusão da problemática negra com as dos colonizados de todas as origens, aproximando-se, portanto, da teoria marxista (Munanga, 1988, p. 50-51).

Como o teatro era um espaço dedicado à elite, Abdias, enquanto educador, tinha o entendimento de que seria necessária uma preparação que as minorias não tinham, e era compreensível que o palco fosse um “não lugar” para esse grupo social. E a opinião pública comungava dessa ideia.

Incomodado com esse não lugar, Abdias Nascimento cria o Teatro Experimental do Negro. Afinal, como diz Althusser em seu texto *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, em que parte em auxílio àqueles que querem utilizar o método de Marx para análise da sociedade, qualquer classe social deve, de alguma forma, transgredir e buscar tomar a máquina do Estado para efetuar a transformação. Diz Althusser (1969):

A partir do que sabemos, nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Dou um único exemplo e prova: a preocupação lancinante de Lenine de revolucionar o Aparelho ideológico de Estado escolar (entre outros) para permitir ao proletariado soviético, que tinha tomado o poder de Estado, assegurar o futuro da ditadura do proletariado e a passagem ao Socialismo. Esta última nota nos permite compreender que os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não só o alvo, mas também o local da luta de classes (Althusser, 1969, p. 49).

Nesse sentido, Abdias do Nascimento entende o projeto de sociabilidade dos aparelhos ideológicos do Estado brasileiro e vê a ocupação dos espaços negados como uma oportunidade de transformar a realidade social do Brasil. Se os palcos são espaços de discussão, era lá que a questão racial deveria estar: em evidência, para encarar o desconforto que a temática trazia (e ainda traz) e para que a sociedade entendesse o lugar do negro no país.

No site do banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), ao inserir como palavra-chave o termo “Abdias do Nascimento”, surgem 826 resultados que mesclam artigos científicos, notícias dos sites institucionais, teses e dissertações. Dentre as publicações encontradas, estão diversas obras escritas pelo próprio Abdias em que ele defende suas ideias e apresenta suas agruras e novas propostas na luta contra o racismo.

A busca realizada utilizando como termo de busca “Teatro Experimental do Negro” tem em torno de 26 mil resultados. Impossível verificar absolutamente todas as referências, mas o que pôde ser percebido é que o Teatro Experimental do Negro, ou simplesmente TEN, é citado como uma das ferramentas utilizadas por Abdias do Nascimento para combater o preconceito racial.

Fala-se da importância histórica, da criação de um novo mercado de trabalho que deu oportunidade a atores e atrizes que atuam até os dias atuais, da pedagogia do TEN, das influências que a experiência trouxe para a arte brasileira, sobre o vestuário utilizado em cena, enfim, é reconhecido o esforço de Abdias do Nascimento no sentido da tomada de espaço negado ao negro. É tido também como referente para os grupos de teatro negro da atualidade que veem no TEN o pioneirismo necessário para continuar a luta iniciada por Abdias. O teatro, na visão de Abdias, estava a serviço da luta contra o preconceito racial. Sua luta era por uma desfolclorização da cultura negra. Lutava por um teatro negro que fosse de fato dramático no seu sentido artístico fundamental.

Aquele que usa os recursos verbais, visuais e emocionais do teatro para articular problemas, crenças, ideias, experiências. Aquele que propõe mudança para caminhos novos, e ilumina os desvãos mais profundos do ser humano, revelando-o até as regiões menos conhecidas da sua história (Nascimento, 1978, p. 161).

Abdias do Nascimento acreditava que a não aceitação da arte negra se dava por medo de que essa produção artística fortalecesse os laços dos descendentes de africanos a uma África desconhecida. Diz Nascimento:

A arte dos povos negros da diáspora objetifica o mundo que os rodeia, fornecendo-lhes uma imagem crítica desse mundo. E assim, essa arte preenche uma necessidade de total relevância: a de criticamente historicizar as estruturas de dominação, violência e opressão, características da civilização ocidental-capitalista. Nossa arte negra é aquela comprometida na luta pela humanização da existência humana (...) (Nascimento, 1978, p. 180).

A caminho do entendimento do termo *Négritude*

Durante pesquisas preliminares sobre o histórico do Teatro Experimental do Negro, encontrei na dissertação de mestrado de Ricardo Gaspar Müller menção à “escola da Négritude”, uma escola de pensamento diaspórico criada por negros antilhanos e africanos. Müller explica que tal pensamento servia de base teórica para Abdias do Nascimento na construção de um discurso mais libertário e que ia na contramão do pensamento vigente à época: o mito da democracia racial.

Müller cita alguns nomes como Aimé Césaire e Léopold Senghor como precursores de tal pensamento. Minha surpresa foi imensa, pois nunca ouvira falar dessa escola de pensamento. Silenciamento e invisibilização das elaborações intelectuais negras têm sido a tônica, já há bastante tempo, na academia brasileira.

Buscando mais informações sobre tal escola, encontrei duas obras fundamentais que me introduziram a tal conceito. Kabengele Munanga, em *Négritude: usos e sentidos* (1998) apresenta a palavra com o sentido político que ela tem hoje e também apresenta o contexto e o significado de Négritude em seu surgimento.

Ainda em busca de entender tal conceito, encontrei o livro de Zilá Bernard, *Qual é a questão da Negritude* (1994), que também faz esse papel de apresentar introdução ao pensamento diaspórico negro vivendo em Paris dos anos 1920. Petrônio Domingues (2002) produziu um artigo que aborda o tema e o coloca em contato com as ações do Teatro Experimental do Negro (TEN) como influência.

Folheando, então, o fac-símile do *Jornal Quilombo*, produção do TEN e sob direção de Abdias Nascimento, com dez edições e que circulou de 1948 a 1950, me deparei com um artigo do sociólogo francês Roger Bastide falando sobre a escola da Négritude e seus pensadores. O *Jornal Quilombo* passou então a publicar textos traduzidos de tais autores que originalmente haviam sido publicados na Sorbonne, em Paris, na revista *Présence Africaine*. O TEN passou a comercializar a revista e, a partir deste contato criado por meio de Roger Bastide, construiu uma ponte entre Abdias e o pensamento diaspórico criado por caribenhos e africanos.

Antônio Alfredo Sérgio Guimarães (2003) explica a importância do pensamento da Négritude e cita seus antecedentes e a influência do pensamento negro estadunidense que tem W. E. Du Bois como um dos grandes precursores. A conexão entre Du Bois e a intelectualidade negra da Sorbonne aconteceu por intermédio de uma mulher martiniquense, Paulette Nardal. Jornalista e escritora, ela foi sistematicamente invisibilizada, apesar de ser a primeira mulher negra a estudar na Sorbonne, muito antes de Aimé Césaire e Franz Fanon, e de ser dela a construção conceitual do que depois veio a ser cunhado por Aimé Césaire como *négritude*.

O que me instiga, para este texto, é o descortinar o termo *Négritude*, cunhado na década de 1930, e construir um caminho anterior até seu nascimento, uma vez que tal conceito serviu de base para a construção de um EU/SER Negro nas ações do TEN. O termo ainda foi essencial para a estruturação de um discurso político emancipatório, iniciando um processo de recusa do pensamento ligado ao mito da democracia racial.

Todavia, grande parte da produção dos pensadores da escola da *Négritude* está em francês, ou inglês. O Brasil ainda tem poucas pesquisas que deem conta de entender o que foi esse movimento e como ele influenciou as atividades do TEN e a produção intelectual de Abdias Nascimento.

Um caminho para aprofundar esse entendimento é a tese de livre docência, *Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire*, de Dennis de Oliveira (2014). Ao se basear em Paulo Freire, fala de educação para liberdade, deixa o caminho para que se pense a emancipação como algo ainda maior a se buscar. A luta política e a disputa simbólica estão a serviço da emancipação de um povo e é nesse sentido, de transformação, que o conceito nos auxilia.

Questões procedimentais

Defendemos que o conceito de *Négritude* pode ser percebido como mecanismo de valorização do sujeito negro em diversas frentes, possibilitando a emancipação política e fortalecendo laços entre aqueles que formam os povos diaspóricos. Foi a partir de pistas encontradas em textos enquanto observava o estado da arte que me deparei com a proximidade do pensamento de Abdias Nascimento ao conceito de *Négritude*, cunhado pelo martiniquense Aimé Césaire. Os poucos textos encontrados não se aprofundam no que significou essa escola de pensamento, nem como se deu o contato de Abdias e seus companheiros de Teatro Experimental do Negro com tal conceito.

Importante pensar no documento como parte da história e testemunhos de acontecimentos históricos. Para isso, usamos Le Goff (2003) e seu conceito de documento monumento ao qual valoriza a memória e o documento como sobreviventes do fato histórico.

Foi esse o sentido percebido ao folhear as páginas do fac-símile de *Jornal Quilombo*. Pude intuir que foi a partir do contato de Roger Bastide e Florestan Fernandes, recém-chegados de Paris e conhecedores dos autores da *Négritude*, que o conhecimento se deu. Textos de Roger Bastide, de finais da década de 1940, sobre os pensadores negros em Paris, foram publicados nas páginas de *Quilombo*, além de o próprio jornal comercializar a assinatura da publicação internacional.

O acervo de Abdias Nascimento no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), localizado no Rio de Janeiro, foi consultado no intuito de descobrir manuscritos, diários e outros documentos, como uma intensa troca de correspondências de Nascimento. Esse acervo permite o aprofundamento do estudo acerca de quais foram as influências que construíram o caminho intelectual desse autor, como elaborou seu discurso contra o mito da democracia racial.

Os arquivos da Fundação Nacional de Arte (Funarte), da Biblioteca Nacional, os Arquivos de Obras Raras da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também foram acionados para a busca de jornais e revistas das décadas de 1940, 1950 e 1960, à procura de textos de Abdias Nascimento e observação da construção de luta antirracista no TEN.

Até o momento, este estudo se apresenta como algo inovador, que mostra o racismo como um instrumento de controle de parte considerável da população mundial, ainda que as reações da população negra em diáspora não sejam novidade. A novidade aqui é que o pensamento construído a partir da experiência atlântica une lutas, pois o inimigo é o mesmo: o Racismo. Na luta contra esse inimigo comum, muitas foram as formas de reação. A intelectual é uma delas e somente em estudos recentes tem sido abordada com mais consistência.

Documentos ou textos sobre a escola da *Négritude* são encontrados em inglês e em francês. Poucos são os trabalhos em português que se dediquem ao tema, o que torna difícil o acesso a obras que auxiliem na interpretação da situação política em que a escola surge.

Sobre o primeiro contato com o pensamento da *Négritude*, os indícios mostram a possibilidade de ter sido por meio de Roger Bastide que se deu a conexão entre o Teatro Experimental do Negro e a Revista *Présence Africaine* (Presença Africana), periódico editado pelos intelectuais caribenhos e africanos da Sorbonne, onde Roger Bastide e Florestan Fernandes publicavam seus textos.

Textos traduzidos por Ironides Rodrigues, parceiro fundador do TEN, podem ser encontrados nas páginas do *Jornal Quilombo*, órgão de comunicação que teve 10 edições, de 1948 a 1950.

Considerações finais e principais dificuldades

Abdias Nascimento, o homem a quem este trabalho se dedica, é um dos intelectuais negros mais importantes da história recente da luta contra o racismo no Brasil, o que se constata a partir do estudo de sua trajetória intelectual e do conhecimento do pensamento diaspórico chamado *Négritude*. Em seus 98 anos de vida, Abdias atuou como contador, soldado do exército, jornalista, dramaturgo, diretor teatral, professor, político e, além disso, ativista antirracista. Seu pioneirismo na formula-

ção de um grupo de teatro experimental que unia arte, educação e política, além de buscar construir essa luta em conjunto com a intelectualidade branca, acena para a ideia de que uma democracia racial era possível. Mas, por volta de 1948, Abdias toma conhecimento de que é necessário quebrar o paradigma de inferioridade negra e é na ideia de *Négritude* que tal ação é elaborada.

O Teatro Experimental do Negro é uma das experiências negras mais importantes da história dos movimentos negros brasileiros. Nascido das experiências múltiplas de Abdias do Nascimento que vão do acesso ao teatro político em viagem pela América Latina, em 1941 à participação em curso de dramaturgia na Argentina no Teatro Del Pueblo, em 1942, e o exercício desses conhecimentos durante os dois anos em que ficou preso no Presídio do Carandiru deu origem ao Teatro do Sentenciado (1943/1944). Só então, em fins de 1944, com apoio de intelectuais, artistas e jornalistas, é que o Teatro Experimental do Negro toma forma e ganha visibilidade. Seu fazer se voltou à valorização do ser negro. Com ele, o conceito de *Négritude* passou a ser o conceito chave que ajudaria a intelectualidade negra a desenvolver o discurso de luta política contra o mito da democracia racial. Este capítulo se voltou para apresentar parte dessa história, mostrando como o acesso ao conceito de *Négritude* atravessou as atividades do TEN e o que os intelectuais parceiros do TEN construíram a partir desse contato.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, P. L.; HOFFNUNG-GARSKOF, J. Racial democracy and racial inclusion: hemispheric histories. In: DE LA FUENTE, A.; ANDREWS, G. R. *Afro-latin american studies: an introduction*. Cambridge/NY: Cambridge University Press, 2018.
- ANDREWS, K. *Back to black: black radicalism for the 21st century*. Londres: Zed Books, 2019.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branco e negro em São Paulo*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Global, 2008.
- BERND, Z. *A questão da negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (é)
- CAVALCANTI, P. C. U.; RAMOS, J. (orgs.). *Memórias do exílio: Brasil 1964 – 19?? 1 de muitos caminhos*. São Paulo: Ed. Livramento, 1978.
- CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução: Noémia de Sousa. Paris: Éditiones Présence Africaine, 1955; Lisboa (PT): Sá da Costa, 1978.
- CÉSAIRE, A.; MOORE, C. (orgs.). *Discurso sobre a Négritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. *Uma tempestade*. Buenos Aires: EL 8ovo.loco, 2011. (Peça de teatro)
- DEPESTRE, R. An interview with Aimé Césaire. In: CÉSAIRE, A. *Discourse on Colonialism*. Nova Iorque: Montly Review Press, 2000. Tradução Joan Pinkham (pp. 79-94). DOI: <https://politicaleducation.org/wp-content/uploads/2018/07/Interview-with-Aime-Cesaire.pdf>.

- DOMINGUES, P. A cor na ribalta. *Rev. Ciência e Cultura*, v. 63, n. 1, jan. 2011, p. 52-55. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000100019. Acesso em: 15 jul. 2017.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- FAUSTINO, D. M. “Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- GUIMARÃES, A. S. A. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. Oxford (UK): Working Paper Number CBS-52-04/Center of Brazilian Studies/University of Oxford, s/d.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUIMARÃES, A. S. A. Raça e estudos de relações raciais no Brasil. In: *Novos Estudos Cebrap*, v. 54, p. 147-156, jul. 1999.
- HERNANDEZ, L. L. O pan-africanismo. In: *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.
- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de Santos Domingos*. Tradução: Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2007.
- KELLEY, R. D. G. A poetics of anticolonialism. In: CÉSAIRE, A. *Discourse on colonialism*. Trad. Joan Pinkham. Nova Iorque: Montly Review Press, 2000, p. 7-28.
- KOSSLING, K. S. *As lutas antirracistas de afrodescendentes sob a vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- LACERDA, J. B. de. *Relatório sobre o Congresso Universal das Raças*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1911.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- MAIO, M. C. Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. *Caderno Ebape.br*, v. 13, Edição Especial, Artigo 5, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395152996>.
- MOURA, C. *As injustiças de clio: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- MULLER, R. G. Identidade e cidadania: o Teatro Experimental do Negro. In: *Dionysos. Especial Teatro Experimental do Negro*. Brasília: Minc Fundacen, 1988.
- NARVAES, V. B. *O teatro do sentenciado de Abdias Nascimento: classe e raça na modernização do teatro brasileiro*. 2020. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2020.

- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de racismo mascarado*. Col. Estudos Brasileiros, v. 30, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- NASCIMENTO, A. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.
- NASCIMENTO, A.; NASCIMENTO, E. L. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Edição Fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento (1948- 1950). São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Fundação Ford, Ed. 34, 2003.
- NASCIMENTO, A. *O Brasil na mira do pan-africanismo*. Salvador: Edufba, 2002.
- OLIVEIRA, D. *Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire*. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, D. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Ed. Dandara, 2021.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. *et al* (orgs). *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
- VIEIRA, C. E.; CORREA, F. M. Abdias Nascimento: a trajetória de um intelectual negro engajado na disseminação de saber emancipatório entre as décadas de 1920 e 1940. *Dossiê Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e215>.

